
Redes coordenadas de ataque nas eleições 2022: o caso Vera Magalhães¹

Maxieni Muniz de Souza BIANCO²

Renata Rodrigues COUTINHO³

Fábio Gomes GOVEIA⁴

Laryssa de Jesus FLORÊNCIO⁵

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Este artigo retoma o estudo de caso da violência praticada, na plataforma *Twitter*, contra a jornalista Vera Magalhães nas eleições presidenciais de 2022, com base na pesquisa realizada pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo, em parceria com a ONG Repórteres sem Fronteiras que monitorou 121 jornalistas, sendo destes 49 do gênero feminino.

A extração de dados para este artigo, objetivou quantificar e qualificar os ataques sofridos por esta profissional de imprensa, nos 90 dias da propaganda eleitoral. A escolha por continuar o estudo de caso sobre esta jornalista se deve ao fato de que a mesma foi a mais agredida no *Twitter* de acordo com a pesquisa, onde mais de 24 milhões de postagens foram monitoradas entre 16 de agosto e 15 de novembro de 2022. Neste *paper* foram analisadas, quantificadas e qualificadas 949.505 mil menções feitas a Vera Magalhães por meio de Tweet, Retweet e *hashtags*, partindo da premissa de que as agressões tiveram o objetivo de tentar intimidar e silenciar um dos ícones do jornalismo político no Brasil.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Tecnologias e Culturas Digitais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda do Curso de Comunicação e Territorialidades da Universidade do Espírito Santo (Ufes) email: maxieni@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFES, ES, email: renata.r.coutinho@edu.ufes.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES, ES email: fabiogv@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação do 10º semestre do curso de Jornalismo da UFES (ES), email: laryssaflorencio30@gmail.com

O Brasil, de acordo com o relatório da ONG Repórteres sem Fronteiras⁶, continua sendo um dos países mais violentos para o exercício do jornalismo, ocupando hoje a 110ª colocação entre 180 países no Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa. Outro dado preocupante é o de que pelo menos 30 jornalistas e comunicadores foram assassinados nos últimos dez anos no país, sendo que em 2022 pelo menos três assassinatos tiveram relação direta com a prática do jornalismo investigativo.

Segundo TOMAZ, R. ; SANTOS, L. C. (2023) a vulnerabilidade social das mulheres, dentro ou fora de ambientes digitais, faz com que elas sejam o principal alvo desse tipo de ataque. As autoras afirmam que contextos específicos podem favorecer ainda mais esse quadro, como o contexto político atual com a polarização entre dois grupos ideologicamente distintos. Elas reforçam que

As práticas e as definições de discurso de ódio precedem, em muito, a Internet e as formas de socialização online. Entretanto, a incorporação de mídias sociais no âmbito da comunicação e da disseminação de mensagens diversas traz novas implicações e reacende o debate em torno das formas de discriminação contra grupos minorizados.

Segundo Krook e Sanín (2016), a violência política baseada em gênero é um tema de grande preocupação na América Latina. No Brasil, as mulheres também são as maiores vítimas da violência política online. Partindo destes pressupostos é possível termos um panorama dos ataques e compreender melhor a dinâmica que fez com que o *Twitter* se tornasse um território de agressões à repórter. Em artigo anterior⁷ sobre a violência praticada no Twitter contra a jornalista Vera Magalhães, em uma semana de coleta, quantificamos e qualificamos dados que comprovam as tendências de reprodução do território fora do virtual para esta plataforma digital.

Com a coleta de dados de todo o período eleitoral, nos foi possível mensurar que esta jornalista foi a mais atacada durante todo o período monitorado, tendo encabeçado a

⁶ Disponível em:

<https://rsf.org/pt-br/brasil-um-jornalista-atacado-online-cada-t%C3%AAs-segundos-na-%C3%BAltima-campanha-eleitoral> . Acessado em: 01/07/2023.

⁷ Artigo apresentado no Intercom Regional Sudeste pela autora Maxieni Muniz de Souza Bianco.

Disponível em:

<https://www.labic.net/publicacao/violencia-contra-jornalistas-nas-redes-sociais-o-caso-vera-magalhaes/>

Imagem1: Grafo que mostra as redes formadas a partir das menções feitas à jornalista Vera Magalhães durante o período eleitoral.

Inteiramos que as agressões à jornalista Vera Magalhães ocorrem desde 2016, cresceram a partir da eleição do Jair Bolsonaro em 2018, mas foi após o primeiro debate eleitoral de 2022 que as mesmas foram intensificadas ganhando proporções colossais. Tendo como partida de análise o cluster 1, foi possível identificar, por exemplo, que os nós representados respectivamente pelas palavras debate, democracia, deputado, Garcia e Douglas representam as menções feitas a partir do debate para o governo do Estado de São Paulo, realizado no dia 14/09/2022, onde o deputado Douglas Garcia protagonizou um dos ataques explícitos a esta profissional. O nó representado pela palavra debate, por sua vez possui aresta que liga este *case* ao primeiro debate presidencial, onde o ex-presidente proferiu ataque à profissional⁸ com ligação direta explicitada pelo nó simbolizado pela palavra Bolsonaro, em destaque no cluster 4.

Outro inferência relevante nos leva à possibilidade de os ataques terem sido feitos por “bolsonaristas”, dentre os quais destacamos seguidores de extrema-direita, políticos e *influencers* aliados, comprovado pelo fato das arestas que ligam o nó em questão estejam estão ligadas diretamente aos clusters, tendo como exceção o de número 5, menor em termos das citações correlatas no grafo, cujo nó de maior relevância é descrito pelo nome do seu principal adversário na disputa, o atual presidente Lula. Tal fato também nos permite conjecturar que os ataques praticados tenham sido orquestrados, dada a grande quantidade de retwitter e uso das mesmas hashtags no período estudado. A mesma base abre a possibilidade do uso de *bots* para fomentar a violência cometida contra Vera Magalhães no Twitter.

Dando sequência à análise proposta temos de ressaltar que a ascensão da direita no âmbito político, em escala global, explicita as mudanças nas dinâmicas de comunicação pública provocadas pela expansão da Internet. As plataformas digitais, em especial o Twitter, são hoje difusores de conceitos e ideias que antes não circulavam na mídia

⁸MAGALHÃES, Vera. Entrevista Fabíola Cidral e Mônica Bergamo na TV UOL. Disponível em: <mailto:https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/30/jovem-pan-fake-news-video-vera-magalhaes-fabiola-cidral-bolsonaro-debate.htm>. Acesso em 12/12/2022.

convencional e hoje alcançaram os espaços de poder. Portanto, os ataques à jornalistas têm apoio de parcela da população brasileira que segue e compartilha valores nos quais se apoiam essas novas lideranças, dentre esses princípios está a descredibilização da imprensa e, conseqüente ataques cibernéticos à jornalistas, em especial as do gênero feminino.

Quando sistematizamos os marcadores que nortearam este *paper* nos foi possível perceber a existência de uma lacuna no âmbito da definição consensual e da sistematização do termo (SELLARS, 2016). Para exemplificar o território de ódio propagado contra a jornalista Vera Magalhaes no Twitter, no dataset analisado filtramos discursos de ódio restritos e amplos, onde no primeiro a profissional de imprensa é vítima da cultura de ódio contra jornalistas em geral e no segundo discursos violentos, degradantes ou discriminatórios dirigidos a ela devido aos fatos de ser jornalista, mulher, membro da chamada mídia tradicional, sem que necessariamente ocorra um incitamento direto à violência.

Diante das análises iniciais, achamos frutífero categorizamos os termos usados para violentar as profissionais de jornalismo em: 1-palavras de baixo calão e desqualificação/descredibilização profissional; 2- Insinuação de Prostituição; 3- Insinuação de Insanidade. Na categorização feita para apurar as agressões imputadas a Vera Magalhães foram achados termos como “jornalista +petista”, “militante”, “esquerdista”, “petralha”, “esquerdista”, “mentirosa + fraudulenta”, “fakenews”, “perdeu + credibilidade”, “semrePUTAção”, “subjornalista”, “jornalistazinha”, “desqualificada”, “falcatrua”, “sexo + matéria”, “xerecardgate”, “dar + caneco”, “précheçar”, “oferecer + sexo”, “disposta + prostituir”, “ficou + louca”, “histérica”, “descontrolada”, “esquizofrênica”, “estágio + terminal + loucura”, “louca”, “desesperada”, “velha”, dentre outros. Reiteramos que em todo o período monitorado nesta plataforma digital as repórteres foram as mais agredidas, com relevo ao fato de outras jornalistas serem marcadas e mencionadas em vários twitter analisados que faziam menção a Vera Magalhães.

Além do já exposto, o dataset analisado nos leva a acreditar na existência de uma rede orquestrada de ataques contra esta profissional de imprensa. Na Imagem 2 mostramos o

ligação entre os nós, onde a estrutura social é aqui representada pela rede de agressores e pelos algoritmos usados pela plataforma Twitter. Considerando os mesmos como perfis “reais” ou criados para fins políticos, é possível inferir por cruzamento automático de dados heterogêneos (*datamining*), e os metabolismos próprios do *rizoma* de Deleuze.

O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. [...] Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre esses pontos e relações biunívocas entre essas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza.

Ao tomarmos esse conceito como base, podemos afirmar que o corpo do indivíduo construído antes da Web 3 está chegando ao seu fim, dando origem a um novo sujeito. De acordo com o posto pelo filósofo, o *dividual* corresponderia à parte do indivíduo que compõe o ciberespaço e que se cruza, por sua vez, com os dados dispostos em nível global e massificante.

Sobre este ponto de vista, Muir faz uma leitura onde Deleuze “fala sobre a possibilidade de uma decomposição do indivíduo mediante ‘uma divisão de cada um dentro de si’”. Concordamos com os autores ao analisarmos as interações mediadas por plataformas digitais onde a comunicação é feita indiretamente, os encontros se tornam encontros de posições *dividuais*, reiterando que a vida “comum” parece de fato ter se tornado espetáculo, mesmos os aspectos íntimos, e os espaços públicos se tornam “privados”.

Mediante o posto, podemos apontar que muitos perfis reais que atacam a jornalista Vera Magalhães são de cidadãos que, muitas vezes, reproduzem os ataques sem perceberem o crime que cometem e/ou que produzem posts agressivos guardando essa característica hostil para o seu eu presente no ciberespaço. Ao pensarmos a cultura de espetáculo que permeia esse território é importante a referência ao trabalho de Paula Sibilia, onde a autora afirma que no ciberespaço o “eu” foi convertido em um “show” e a intimidade foi convertida em *dividual*. Sob este prisma, a conjectura possível se assenta na

possibilidade dos usuários desta plataforma digital tuitarem ou retuitarem agressões a Vera Magalhães com o intuito de ganhar visibilidade, principalmente entre seus pares ideológicos.

Um aspecto relevante exposto pela repetição dos termos ofensivos coletados no *dataset* passa pela suposição do uso de *bots*, onde a divisão criada entre “eles” e nós” é permeada de inverdades visto que segundo LEONARD (1997) as ferramentas de software são extensões nossas fora do nosso universo não virtual. Corroboramos com essa afirmação as investigações realizadas pelo LABIC (Laboratório de Estudos em Imagem e Cibercultura da Ufes), mensurando o impacto dos *bots* nas eleições presidenciais de 2014 e/ou no processo de impeachment com o Vem pra Rua. A este respeito ainda destacamos, ancorados em Sanger (2018); Jamieson (2018); Benkler, Farris e Roberts (2018), o uso dos *bots* como agentes de expressão capazes de criar regime de visibilidades e redes como armas de organização, no nosso *paper* como território de agressões à jornalista. Neste artigo, portanto, nos é possível trabalhar com as hipóteses de os ataques terem sido cometidos tanto por seguidores “reais” do ex-presidente Jair Bolsonaro quanto por *bots*; ambos com objetivo de desacreditar a profissional em questão e atentar contra a democracia brasileira. Partindo do exposto, acreditamos que nos cabe coibir essa rede de violência por meio de políticas institucionais como o Marco Civil da Internet, de 2014, que estabelece diretrizes que enquadram juridicamente os ciberterritórios. É necessário também normas que evidenciem os critérios de responsabilização dos agressores. Destacamos ainda o recém-criado Observatório Nacional de Violência contra Jornalista, uma iniciativa do Ministério da Justiça e Segurança Pública, do qual fazem parte várias entidades ligadas à profissão.

Outra ilação importante é que as *big techs* passem a garantir um debate democrático e não violento aos território digitais por meio de uma melhor governabilidade de suas plataformas, onde sejam usados mecanismos para detectar dinâmicas coordenadas de ataques à jornalistas, como em momentos específicos de postagens destas profissionais; mecanismos de denúncias mais fáceis para vítimas com a possibilidade de coibir agressões em curso. Para melhor governabilidade das redes sociais unimos esforços para que sejam usados profissionais nativos para gerenciar esses mecanismos, a partir da hipótese de que os mesmos terão mais capacidade para detecção de palavras e

termos, usados em contextos não percebidos pelos filtros destas plataformas, que também são formas de agredir.

REFERÊNCIAS

ALLAN, R. Hard Questions: Who Should Decide What Is Hate Speech in an Online Global Community? Meta, 27 jun. 2017. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2017/06/hard-questions-hate-speech/>. Acesso em 26 abr. 2023.

ANTI-DEFAMATION LEAGUE (ADL). Best Practices. ADL, 2013. Disponível em: <https://www.adl.org/best-practices-responding-cyberhate>. Acesso em 26 abr. 2023.

AZMINA; INTERNETLAB; NÚCLEO. MonitorA – Eleições 2022. AzMina, 2022. Disponível em: <https://azmina.com.br/projetos/monitora-eleicoes-2022/>. Acesso em 26 abr. 2023.

BARKER, K.; JURASZ, O. Online Misogyny as a Hate Crime: a challenge for legal regulation? New York: Routledge, 2019.

BIANCO. MAXIENI MUNIZ DE SOUZA ; GOVEIA. FÁBIO GOMES; COUTINHO. RENATA RODRIGUES. Violência contra jornalistas nas Redes Sociais: o caso Vera Magalhães. 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro.2023.Disponível em: <https://www.labic.net/publicacao/violencia-contra-jornalistas-nas-redes-sociais-o-caso-vera-magalhaes/>

BRASIL. Lei n. 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Brasília: Presidência da República, 2014a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm. Acesso em 10 jun. 2023.

BRASIL. PL 7582/2014. Define os crimes de ódio e intolerância e cria mecanismos para coibi-los, nos termos do inciso III do art. 1º e caput do art. 5º da Constituição Federal, e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2014b. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=616270>. Acesso em 20 mai. 2023.

BRASIL. Projeto de Lei n. 2.630 de 2020. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Brasília: Senado Federal, 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em 07 jul. 2023.

CÔRTEZ, THAISA GUIMARÃES; ZIGONI, LUISA PERDIGÃO; CANCIAN, ALLAN; MALINI, FABIO LUIZ. O #VemPraRua em dois ciclos: análise e comparação das manifestações no Brasil em 2013 e 2015. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1938-1.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2023.

DELEUZE, G. Mille plateaux: capitalismo et schizophrénie, v. 2. Paris, Minuit, 1980 [ed. bras.: Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2.

JAMIESON, KATHLEEN HALL. Cyberwar: how russian hackers and trolls helped elect a president. HighBridge Audio, 2018.

KROOK, M. L.; SANÍN, J. R. (2016). Gender and political violence in Latin America: Concepts, debates and solutions. *Política y gobierno*, v. 23, n. 1, p. 127-162, 2016. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1665-20372016000100127&script=sci_abstract&tlng=en. Acesso em 23 abr. 2023. LAVI, M. Do platforms kill. (2020) *Harvard Journal of Law & Public Policy*, v. 43, p. 477-573. Disponível em: <https://www.harvard-jlpp.com/wp-content/uploads/sites/21/2020/03/Lavi-FINAL.pdf>. Acesso em 05 jul. 2023.

LEONARD, ANDREW. BOTS: The origin of New Species. England: Penquin Books, 1997.

ROUVROY, ANTOINETTE; BERNS, THOMAS. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o dispar como condição de individualização pela relação? In: BRUNO, FERNANDA et al. (org.). *Tecnopolíticas da Vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 107–140.

SANGER, DAVID. *The Perfect Weapon: war, sabotage, and fear in the cyber age*. Danvers: Crown Publishing Group, 2018.

SIBILIA, PAULA. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2016.

RECUERO, RAQUEL DA CUNHA ;ZAGO, GABRIELA DA SILVA SOARES, FELIPE BONOW, 2017 . *Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter.. Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Encontro Anual (COMPÓS). (26. : 2017 jun. 06-09 : São Paulo, SP). [Anais]. São Paulo : Faculdade Cásper Líbero, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/166193> Acesso em 17 jun de 2023.*

REGATTIERI, L, 2016; REGATTIERI et al., 2014; MALINI, 2016; CÔRTEZ et al., 2016). *Bots como agentes de expressão: regime de visibilidades e o poder de criar redes. Contracampo, Niterói, v. 38, n. 3, p. 130-149, dez. 2019/mar. 2020.*

REVISTA AZMINA; INTERNETLAB. *MonitorA: relatório sobre violência política online em páginas e perfis de candidatas(os) nas eleições municipais de 2020*. São Paulo: AzMina, 2021. Disponível em: https://azmina.com.br/wp-content/uploads/2021/03/5P_Relatorio_MonitorA-PT.pdf. Acesso em 05 jun. 2023.

RUEDIGER, M. A.; GRASSI, A. (coord.). *Discurso de ódio em ambientes digitais: definições, especificidades e contexto da discriminação on-line no Brasil a partir do Twitter e do Facebook*. Rio de Janeiro: FGV DAPP, mar. 2021. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/30398/%5bEN%5d%20Estudo%203%20I%20Discurso%20de%20c3%93dio%20%2b%20Ficha%20e%20ISBN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 15 jul. 2023.

SANCHES, D. *Discurso de ódio contra mulheres na Internet: diagnósticos e soluções para o caso brasileiro. Relatório*. São Paulo: CGI.br, 2022. Disponível em: <https://forumdainternet.cgi.br/2022/programacao/detalhe/2/2304/>. Acesso em 30 jun. 2023.

TOMAZ, R. ; SANTOS, L. C. . Ódio contra mulheres na Internet: das definições às alternativas de combate no cenário brasileiro. In: BIA BARBOSA; LAURA TRESKA; TANARA LASUCHNER.. (Org.). TIC, Governança da Internet, Gênero, Raça e Diversidade - Tendências e Desafios. 1ed.São Paulo: Comitê Gestor da Internet do Brasil, 2023, v. 1, p. 85-112.